

ELOISA DE MELLO SILVESTRIN

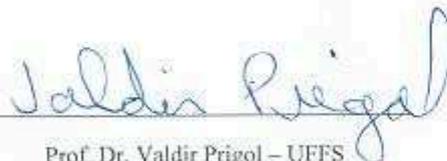
O ATO DE CRIAÇÃO EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para a aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: prof. Dr. Valdir Prigol

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
12/12/2017

Banca Examinadora



Prof. Dr. Valdir Prigol – UFFS



Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro – UFFS



Profª. Me. Marcia de Souza - Unochapecó

O ATO DE CRIAÇÃO EM *A HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR¹

Eloisa de Mello Silvestrin²

elodemello@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho discute o ato de criação em *A hora da estrela* de Clarice Lispector (1977). Nosso objetivo principal é analisar a ideia do ato de criação em *A hora da estrela*, igualmente avaliar o deslizamento e aparições da imagem de criação da personagem Macabéa. Após isso, buscamos ler algumas obras vinculadas a historicidade da metáfora da criação, como a Bíblia Sagrada, utilizando um dos livros do Pentateuco o *Gênesis*; As aventuras de Pinóquio – *história de uma marionete* e “Las ruinas circulares” de Jorge Luís Borges, mostrando que há em cada uma delas o procedimento do ato de criação. Do mesmo modo, realizamos uma densa leitura utilizando como referencial teórico alguns autores que abordam em seus textos o ato de criação, como Gilles Deleuze e Giorgio Agamben. Através destas leituras buscamos aproximar os textos teóricos a obra principal, e outros textos da autora como *Perto do coração selvagem* e o conto “Amor”, para perceber como o ato de criação aparece. Consequentemente, relacionamos o ato de criar vinculado a um impulso que se dá através de um encontro com o *outro* utilizando como referencial teórico *Por uma esquizofrenia produtiva* de João Cezar de Castro Rocha e Naiane Rafagnin Rodrigues *O desconforto da alteridade em a paixão segundo g.h. de Clarice Lispector*.

PALAVRAS-CHAVE: Autor. Criação. Clarice.

Introdução

Este artigo é o resultado da tentativa de compreensão do ato de criação em *A hora da estrela* de Clarice Lispector (1977). Do mesmo modo avaliar o deslizamento e aparições desta imagem de “criação”, verificando as metáforas vinculadas ao narrador da obra e observar a historicidade da metáfora da criação. Como base e desenvolvimento de nossa pesquisa utilizamos como referencial teórico, textos que trazem uma análise crítica das obras da autora, *Clarice com a ponta dos dedos* de Vilma Arêas; *A aula inaugural* de Silviano Santiago, Benjamin Moser – *Todos os Contos*. Além disso, foram lidas algumas obras de Clarice, *A hora da estrela* (obra principal), *Perto do coração selvagem* e o conto “Amor”, em que buscamos o encontro com o *outro*, e para o entendimento do que ocorre nesse encontro, utilizamos como referencia autores como, João Cezar de Castro Rocha *Por uma esquizofrenia*

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Valdir Prigol.

² Acadêmica da 8ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó

produtiva e Naiane Rafagnin Rodrigues *O desconforto da alteridade em a paixão segundo G.H. de Clarice Lispector*. Além disso, para conhecimento da historicidade das metáforas de criação utilizamos como referências Gilles Deleuze – *O ato de criação*; Giorgio Agamben *Bartleby*, ou da Contingência – *O escriba, ou da criação*. E para finalizar foram lidas obras que falam sobre o que é um autor e qual a posição do autor como sujeito, de autores como Giorgio Agamben – *Profanações – Genius e O autor como gesto*; Michel Foucault – *O que é um autor?* E Roland Barthes – *A morte do Autor*.

Diferente do texto de Benjamim Moser - *Todos os Contos e Clarice com a ponta dos dedos* de Vilma Arêas, nosso ponto de análise não é compará-la com seus personagens, nem passar a olhar sua vida para então ler suas obras. Nosso objetivo principal é observar o ato de criação em toda a obra e principalmente as metáforas que mostram este ato em relação à personagem principal, Macabéa. Ao contrário de muitos leitores que leem *A hora da estrela* esquecendo-se de que na história há um autor, cujo nome é Rodrigo S.M., nós buscamos lê-la “esquecendo” Clarice, e olhando a obra de um autor que de fato quer realizar o ato da criação, mesmo que em muitos momentos Rodrigo “joga” neste querer e não querer.

O referencial teórico utilizado nos auxiliou na compreensão de como ocorre o ato de criação, não somente em *A hora da estrela*, mas sim em todas as coisas que envolvem a arte, seja ela, em pintura, cinema, poesia, contos entre outros. Na segunda parte deste trabalho, buscamos realizar uma densa leitura da obra, observando o ato de criação em *A hora da estrela*, analisando o deslizamento das metáforas de criação, em que o autor utiliza em sua obra a metáfora da criação do mundo, que a partir de um sim o mundo foi criado, da mesma forma que utiliza a flor que ainda não foi desabrochada se mantendo ainda no subterrâneo. Assim, relacionamos os textos teóricos sobre a metáfora do ato de criação para compreender o que ocorre com Rodrigo S.M., observando que, o que o impulsiona a criar é o encontro com o *outro*. Além disso, na historicidade da metáfora de criação buscamos mostrar que o ato em si, também está presente em outras obras, como o “Gênesis” da Bíblia Sagrada, *As aventuras de Pinóquio - história de uma marionete* e “Las ruínas circulares” de Jorge Luis Borges.

1 A hora da estrela

Clarice Lispector, escritora e jornalista, nasceu na Ucrânia em 1920, naturalizada brasileira devido a vinda ao Brasil quando ainda era pequena, é considerada uma das escritoras mais lidas e importantes da literatura modernista brasileira do século XX. Clarice é autora de grandes romances, ensaios e contos, além disso, apresenta personalidades marcantes em seus personagens sendo capaz de tocar seus leitores, como foi possível observar durante as

leituras referentes aos textos da autora, principalmente em relação à personagem Macabéa, em que sua personalidade é marcante do início ao fim, pela simplicidade e ingenuidade da jovem.

Temos como legado de Clarice importantíssimas obras como: *Perto do Coração Selvagem* (1944); *A Paixão Segundo G.H* (1964); *Laços de Família* (1960); *Felicidade Clandestina* (1971) entre outras. *A hora da estrela* é a última obra da escritora, sendo escrita pouco tempo antes de sua morte, tornando-a meu objeto de pesquisa e análise referente ao ato de criação. *A hora da estrela* (1977) é considerada, uma das obras mais famosas da escritora pela narrativa diferenciada. Além disso, a obra possui algo importante que muitos leitores deixam passar despercebido, a presença de um narrador, Rodrigo S.M., o responsável pela criação de Macabéa. Do mesmo modo, *A hora da estrela* é uma obra muito lida sendo ela adaptada em 1985 nos cinemas pela cineasta e roteirista Suzana Amaral. O filme possui o mesmo título e a mesma história, porém, deixa de lado o principal, o que dá vida à Macabéa, o narrador Rodrigo S.M.

Ademais, além de muitos leitores, há muitos grandes autores que escreveram sobre as obras de Clarice, produzindo diferentes críticas, pontos de vistas diferenciados, prevalecendo demasiadamente a comparação dos personagens com a vida da autora. Como se seus personagens fossem um reflexo seu, ou seja, cada personagem possui sofrimentos e angústias, refletidos nas emoções em dado período de vida da escritora. Benjamin Moser é um dos leitores que a vê desta forma, primeiro ele lê a vida de Clarice e depois as obras da autora. Moser mostra na introdução de *Todos os contos*, a biografia da vida de Clarice partindo para as obras da escritora, retira trechos dos contos de Clarice e os compara com as situações de vida em dado período histórico de Lispector.

A hora da estrela possui alguns títulos possíveis: *A culpa é minha* ou *A hora da estrela*; *Ela que se arranje*; *O direito ao grito*; *Quanto ao futuro*; *Lamentos de um blue*; *Ela não sabe gritar*; *Uma sensação de perda* ou *Assovio no vento escuro*; *Eu não posso fazer nada*; *Registros dos fatos antecedentes*; *História lacrimo gênica de cordel* e *Saída discreta pela porta dos fundos*.

Os títulos acima são as possíveis denominações nas quais Clarice sugere que a obra tenha, ou é um ou é outro, no entanto é possível perceber que todos eles estão entrelaçados, como se cada um deles fizesse parte de algum momento do período histórico da personagem Macabéa, ou seja, as etapas em que ela se encontrava, no qual muitas vezes se sente culpada de tudo, ou às vezes tenta ter “voz”, mas não consegue, não sabe o que acontecerá no futuro, mas tem esperanças de que ele seja bom. Macabéa não sabia expressar-se de forma alguma,

tinha sensações diversas e depois de um lapso de tempo sai pela porta dos fundos fazendo-se estrelar.

Após isso temos uma dedicatória do autor, em que de forma muito sutil e poética, dedica a obra a todos que possa desejar, sobretudo aos gnomos, anões, sílfides e ninfas que habitam a sua vida. Dedicava também à saudade de sua antiga pobreza quando tudo era mais digno. Da tempestade de Beethoven, as vibrações das cores neutras de Bach. “[...] a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu”. (LISPECTOR, 1999, p. 10). Podemos observar a forma delicada e poética do autor em tentar demonstrar aquilo que sente e que algum dia mexeu ou continua a mexer com o seu impessoal. É o que ocorre em nós quando ouvimos uma música, lemos um texto, escrevemos algo que desejamos, é sempre através do *outro*, e este outro seja ele qual a sua forma, atinge em nós, zonas assustadoramente inesperadas.

Além disso, Rodrigo deixa claro que sozinho ele é simplesmente um nada. “Esse eu que é vós, pois não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé [...]”. (LISPECTOR, 1999, p. 10). Desta forma, observamos sua grande necessidade de criar, de ter alguém por perto. Afirma também que sabe de muitas coisas sem mesmo um dia já ter visto, isso nos remete a ideia de que ele conhece e sabe quem irá fazer parte de sua existência, quem irá ser a materialização de sua criação, pois ele realmente necessita de Macabéa para se manter vivo.

Podemos dizer que a obra se divide em duas grandes partes, uma delas com o protagonista Rodrigo, o narrador da obra, em que marcado pelo seu ato de criação une a primeira com a segunda parte da história, voltado para sua criação já materializada tendo como personagem principal Macabéa.

Vamos para o trecho inicial da obra: “Tudo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim”. (LISPECTOR, 1999, p. 11). Este trecho dá início a obra, remetendo-nos a ideia de criação, a criação de vida, de algo ou alguém que ele tenta descrever com suas palavras ao longo da história. É partindo deste pressuposto de criação que nossa pesquisa se deu através de alguns autores que abordam a questão da criação, de como pensar a criação em diferentes formas, como ela se dá, o que impulsiona a criar, de que forma este ato se materializa. Portanto Rodrigo inicia a obra com a frase que é o ponto principal, e é através das palavras ele põe no papel suas ideias materializando-a. Por meio da escrita

Rodrigo S.M. materializa Macabéa, por meio da escrita que antes era verbo, Rodrigo incorpora a vida de Macabéa.

O primeiro momento que ocorre na obra foi o encontro com o *outro*, despertando os sentimentos mais íntimos que o impeliu a realizar o ato de criação, “É que numa Rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina”. (LISPECTOR, 1999, p. 12). Nesta primeira parte Rodrigo é impactado pelo *outro*, e aos poucos ele vai se transformando e introduzindo o *outro* em forma de materialidade.

É através deste encontro com o *outro* que “nasce” Macabéa, que se dá o ato da criação, o sentimento de perdição no rosto de uma nordestina. Esse encontro mexe com seu impessoal impulsionando-o a criar, pois foi este o primeiro contato entre criador e a ideia que necessitava materializar-se para expressar-se. Realmente a obra prende o leitor, nessa primeira parte Rodrigo vai tentando entender o que ocorre, vai mexendo com o leitor, com algo delicado que existe em cada um de nós, vai tentando demonstrar os efeitos que este encontro com o *outro* lhe ocasionou, com um jogo de metáforas. Devido a isso é preciso que o leitor se disponha a entrar na história, a ser um coautor e ir juntamente com Rodrigo criando sua obra prima, é isso que torna a obra rica de sentidos. “De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu”. (LISPECTOR, 1999, p. 19). De fato Rodrigo tem razão, é muito delicado criar a sua obra-prima, seja ela uma pintura, um filme, uma novela, ou um personagem de um livro, pois tudo o que se cria é delicado, há todo um processo de criação, de como se pensar neste objeto a ser criado, como colocá-lo no papel, na tela de pintura ou em algum lugar que esta criação possa ser evidenciada. Não só isso, mas há a dúvida de, querer ou não querer criar, de como realizar este processo. Tudo isso é delicado, pois mexe com o seu impessoal, e da mesma forma que a cria, é doloroso tirá-la de cena, pois ela está tão viva quanto seu criador. “Quando a imagem do outro revela-se no “eu” [...] outras coisas também revelam-se, como a vontade de expor o que está oprimido”.(RODRIGUES, 2013, p 17). Esta criação que se revela é a ideia que estava oprimida, ou seja, que se encontrava escondida nos pensamentos de Rodrigo, o encontro com o *outro* é o responsável para que ocorra o ato da criação, sem ele nada aconteceria, foram necessários os olhos de perdição de uma nordestina para mexer com o impessoal do autor. Rodrigo vai se revelando através do *outro*, vai contando o que sente, faz criar esta identidade que conhecemos através das sensações que o *outro* provocou em seu ser.

Rodrigo sofre, fica perturbado, pensa algumas vezes se é realmente necessário continuar, mas é algo tão presente que não há como negar sua existência, ele tenta explicar

que não se trata somente da narrativa, mas sim de uma molécula de vida que precisa ser posta em um ser para que passe a existir, revelando o quão forte o *outro* está em seu ser.

Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. O que escrevo é mais do que a invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. (LISPECTOR, 1999, p. 13).

Este sofrimento e perturbação fazem com que ele se transforme para falar da jovem, pensa em andar nu ou até mesmo com roupas rasgadas e esfarrapadas, ou mesmo desejar sentir a falta de gosto que dizem ter a hóstia, ele deseja simplesmente abandonar sentimentos antigos e confortáveis.

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina. (LISPECTOR, 1999, p. 19).

“Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência”. (LISPECTOR, 1999, p. 15). “[...] tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante querendo que eu o recupere”. (LISPECTOR, 1999, p. 24). Aos poucos ele vai criando, de forma simples e singela tentando mostrar ao leitor do que, e de quem se trata. Mas esta delicada e vaga existência, tenta de todas as formas, realizar-se por inteiro, neste jogo do querer e não querer, ou seja, Rodrigo a quer por perto, mas ao mesmo tempo deseja que ela se afaste. “O jeito é começar de repente assim como eu me lanço de repente na água gélida do mar, modo de enfrentar com uma coragem suicida o intenso frio”. (LISPECTOR, 1999, p. 26). Desta forma, Rodrigo cria sua obra de arte, a jovem se chama Macabéa. É nesta segunda parte que ele dá as primeiras características que a jovem possui, dizendo que ela era incompetente, incompetente para a vida.

Já criada, Macabéa vive intensamente, aproveita tudo o que existe em sua vida, mesmo que esse tudo seja pouco. Representada como mulher, Macabéa é uma jovem magra de ombros curvos e olhos fundos, de uma simplicidade imensa e desprovida das coisas boas da vida. Sente as variadas sensações que alguém pode sentir, melancolia, tristeza e até desejo, mesmo seu criador afirmando que Macabéa tinha ovários murchos e era assexuada. A jovem alagoana de 19 anos, magra e amarelada, embora não sabia escrever direito, fez um curso para ser datilógrafa e vivia no Rio de Janeiro, era órfã e mal se lembrava dos pais, que morreram quando ela era ainda criança. Foi criada por uma tia muito religiosa e cheia de superstições e

tabus, em que conforme a moça fora crescendo, levava um pouco da tia em suas atitudes diárias.

“Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha em si mesma. Se fosse criatura que exprimisse, diria: o mundo é fora de mim, e eu sou fora de mim” (LISPECTOR, 1999, p.24). Macabéa, segundo Rodrigo tem medo de se ajeitar, ou seja, tinha medo de descobrir as coisas, ela vivia somente em seu mundo, como se não fizesse parte do planeta no qual todos nós habitamos, mas não se dava conta de que pertencia a uma sociedade na qual ela era dispensável. Vivida a vida de forma muito simples, sem objetivos, sem saber para quê viver, acreditava que era feliz embora talvez não fosse. E acreditava que nem tudo na vida é preciso saber e não saber fazia parte de sua vida. Caminhava na rua, mas ninguém a olhava, e mesmo sendo mulher, não parecia pertencer a sua vocação, a jovem falava como todas as outras pessoas, mas era como se fosse muda.

Macabéa, era virgem inócua, não acreditava na morte, mas acreditava em Deus, raramente tomava banho e por consequência incomodava as colegas de quarto com seu mau cheiro. A moça não sabia expressar-se, muitas vezes esquecia-se de como chorar e ria demasiadamente, amava ouvir a *Rádio Relógio* que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som de gotas, cada gota de minuto que passava. A jovem colecionava anúncios de jornais e revistas, e possuía um sonho, Macabéa queria ser uma estrela de cinema como Marilyn Monroe, porém era quase impossível.

A moça, embora cheia de diferenças, tinha um coração no qual teve extrema paixão por Olímpico de Jesus, jovem esperto que pensava ser endinheirado e almejava ser deputado, o qual engrandecia a jovem nordestina. Macabéa e Olímpico tiveram um namoro muito rápido e curto, eles passeavam juntos, no entanto os passeios sempre eram acompanhados por chuvas e programas gratuitos na cidade, como ir à praça para se sentar ao banco. Quando isso acontecia, Macabéa o enchia de perguntas, tais perguntas irritavam demasiadamente o jovem metalúrgico, o que a levava a se desculpar quantas vezes fosse preciso, pois ela tinha um grande medo, o de perder seu nobre namorado, apesar de ser tão maltratada.

A inocência que ela possuía ao realizar as perguntas a Olímpico muitas vezes se tornava algo muito engraçado, tanto que em alguns momentos o próprio leitor sente vontade de estar no lugar de Rodrigo para criá-la com outro modo de viver, contudo se Macabéa fosse diferente nada teria sentido, nada teria graça, ninguém melhor que Rodrigo para criá-la de tal forma, encantadora. “Só a eu vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela.” (LISPECTOR, 1999, p.27). No entanto, todo criador possui poder sobre as atitudes de seus personagens, dando-lhes a materialização, mas também a morte.

Aconselhada por uma amiga chamada Glória que estava namorando o Olímpico, Macabéa vai a uma cartomante. Madama Carlota, entusiasmada conta sua própria vida como prostituta e cafetina, após isso decide ler as cartas para a moça nordestina, que aguarda com grande esperança que o futuro fosse brilhante. Macabéa sai de seu estabelecimento com o prenúncio de que se casaria com um jovem estrangeiro, que por ser rico lhe daria tudo o que desejava além de muito amor. Tantas coisas passaram pela cabeça da jovem, tantos sonhos e desejos de realizações, quanta agonia para que isso logo acontecesse, deslumbrada com tudo que ouviu atravessa a rua sem olhar para os lados e é tristemente atropelada por uma Mercedes-Benz. Macabéa caída na calçada e sangrando, sofre ao perceber que tudo o que viveu e os novos sonhos que tinha para realizar, se esvaneciam lentamente.

Muitos viram a cena, no entanto ninguém estendeu a mão para ofertar ajuda a pobre moça que agonizava. Sangrando e em posição fetal Macabéa vê sua vida passar por diante de seus olhos, e faz o leitor recordar junto a ela, todas as situações vividas, as perguntas ingênuas, as chuvas dos encontros com Olímpico, a rádio relógio, a infância descrita como farofa seca, o sonho de ser estrela de cinema, ou seja, o percorrer da obra desde sua criação até a hora de sua morte. Sim, Macabéa infelizmente morre, ele a tirou de cena fazendo-a estrelar. Porém, a morte de Macabéa acarretou na própria morte do autor como podemos ver no trecho a seguir: Macabéa me matou. Ela estava enfim livre de si e de nós. “Não vos assusteis, morrer é um instante, passo logo eu sei por que acabo de morrer com a moça”. (LISPECTOR, 1999, p.86). É possível perceber que Rodrigo tendo Macabéa como sua criação a ama acima de tudo, faz com que ela viva por um período curto de tempo, possuindo uma família, pequena e ausente, mas que um dia se fez presente. Proporciona a ela sentimentos de desejo, fome, sede, a torna desprovida de coisas boas da vida, de saúde, de beleza, de um amor verdadeiro e durável. E por fim reproduz sua morte, como se ela já estivesse programada para morrer, de certa forma já estava, como se estivesse estudado uma vida toda a representação do papel de estrela, pois na hora da morte Macabéa se tornou brilhante, uma estrela, como sempre desejou ser.

2 O ato de criação na literatura

Pensando na historicidade vinculada ao ato de criação nas obras, observamos que não somente Rodrigo S.M. realiza o ato de criação com Macabéa, mas também outras obras, muitas delas nem conhecemos, outras já estão presente em nossa vida desde quando éramos bem pequeninos.

Um dos exemplos que talvez seja o mais conhecido é a história da criação de tudo, trazido pela *Bíblia*, o livro sagrado, sendo ele a base dos fundamentos de algumas religiões. A bíblia é uma coleção de textos religiosos de valor sagrado para o cristianismo, e escrita segundo a tradição cristã por 40 autores, entre 1550 a.C e 450 a. C livros do antigo testamento e entre 45 d.C e 90 d.C livros do novo testamento, totalizando um período de quase 1600 anos. Além disso, o documento foi traduzido aproximadamente em 2233 línguas e sendo ela o livro mais vendido de todos os tempos.

A bíblia traz o relato do ato de criação divino. No primeiro livro referente ao início da história da criação intitulado *Gênesis*, logo na primeira linha temos explicitamente o ato de criação do céu e da terra. “No princípio, Deus criou o céu e a terra”. (BIBLIA, p. 49). Podemos observar que a terra já se encontra materializada, ou seja, Deus já realizou o ato de criação, e aos poucos devido a sua vasta escuridão, cria-se a luz, dividindo o dia e a noite. Criam-se as águas, as arvores frutíferas, o sol, a lua e as estrelas, os animais, os pássaros e toda a multidão de seres vivos, dentre eles o homem semelhante a sua imagem e a mulher, abençoando-os para a multiplicidade dos seres vivos. Do barro da terra Deus criou o homem, inspirando-lhe nas narinas o sopro de vida, tornando-se vivo. O homem criado por Deus foi colocado no jardim do Éden para cuidar e cultivar as plantas que iriam nascer, faz surgir no jardim árvores de frutos para que o alimentasse, criou também a árvore da ciência, do bem e do mal. Mas para que ele não ficasse sozinho, Deus o fez dormir em sono profundo e retirando-lhe uma costela o Senhor fez uma mulher, unindo-os em uma só carne.

“Então, o senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela que tinha tomado do homem, o senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem”. (BIBLIA, p. 49). Sendo assim, segundo a bíblia Deus realizou o ato de criação em seis dias, descansando no sétimo dia. Podemos observar que a criação do mundo foi um ato de Deus, formando cada elemento do universo e dando vida a toda criatura, como podemos observar anteriormente a terra era vazia e escura, e então Deus agiu sobre ela através do ato de criação.

Analisando a história bíblica, podemos observar que Deus dá vida a sua obra a partir do absoluto nada, apenas por sua vontade de criar tudo àquilo que lhe parecesse bom, dando-lhes a vida e o livre arbítrio. Confrontando com o caso da nordestina, podemos observar que no caso da criação de Macabéa Rodrigo vai criando-a, não somente por seu desejo de criá-la, mas também pelo desejo da própria criação em se tornar matéria, forçando a sua existência. “Ela forçou dentro de mim sua existência.” (LISPECTOR, 1999, p. 29). É através desta força de existência que Rodrigo é impulsionado a criá-la, dando-lhe a vida. Dessa forma,

observamos que Deus foi impulsionado a criar a partir do absoluto nada, somente por sua vontade de criar. No entanto Rodrigo como criador possui algo que o impulsiona, algo que mexe com o seu impessoal fazendo com que ele tenha motivos para realizar o ato da criação.

Além da *Bíblia*, temos outras obras que apresentam o ato de criação, todos nós, mesmo não tendo realizado uma leitura da obra, já sabemos a qual texto se refere somente pelo nome, já que estas obras estão presentes nas contações de histórias de muitas pessoas. É o que ocorre quando ouvimos a palavra “Pinóquio” já sabemos a quem se refere. Muitos leem, falam e comentam sobre o pequeno boneco. No entanto, muitas vezes damos destaque somente no boneco de madeira, esquecendo-nos que por trás da existência deste brinquedo, temos um grande criador chamado Gepeto. Do mesmo modo que ocorre com Macabéa, em que os leitores leem a obra esquecendo-se que Rodrigo S.M é o seu criador.

Para quem não conheça a história de Pinóquio vamos brevemente partir para a história desde sua origem: Uma marionete de madeira criada por um carpinteiro, o boneco era muito sapeca e às vezes era malcriado com o seu pai, Gepeto não ficava quieto “— Que filho maroto! [...] Isso é mau, meu filho, muito mal!” (COLLODI, 2005, p.20). Após tantas aventuras e maluquices, Pinóquio se torna um bom “garoto”. E por bom comportamento é tocado pela vara de condão de uma fada madrinha e magicamente ganha vida transformando-se em um menino de verdade.

O nome Pinocchio é de origem italiana, uma das possíveis possibilidades de significado deste nome é Pinhão que deriva de Pino. No sentido do significado pinhão, pode-se assumir as características deste personagem como uma forma simbólica, relacionada à semente “pinhão” vinda de uma árvore, sendo, uma semente muito pequena.

A história de Pinóquio, intitulado originalmente “As aventuras de Pinocchio: História de uma Marionete” escrita em 1881 por Carlo Collodi, escritor nascido em Firenze em 1826. De seu lançamento até os dias atuais, a história passou por inúmeras interpretações, no cinema, teatros, músicas e até história em quadrinhos. E a mais conhecida e famosa delas e presente até hoje, a versão da Disney transformando este clássico da literatura infantil com o filme e o desenho animado em 1940, fazendo com que o menino mentiroso passe a fazer parte da infância de muitas pessoas.

Resumidamente, a versão da Disney conta a vida de um carpinteiro que vivia em uma aldeia da Itália. Por ser carpinteiro possuía dons maravilhosos, e que agradava muito a criançada que ali perto morava, pois, confecciona lindos bonecos em madeira. Já muito velhinho, sem poder ter filhos, decide criar um boneco de madeira, mas ele não pretendia ser como os demais bonecos, ele era sim muito diferente. Em passos lentos foi criando seu

boneco, de forma simples e singela cria um lindo e perfeito brinquedo materializando sua criação. Assim que o vê decide dar o nome de Pinóquio, e em pensamento alto com muito orgulho, afirma que Pinóquio seria o filho que não teve e poderia ter.

Quando a noite chegou, rogou as estrelas que seu boneco se tornasse um menino de verdade, e ao deitar-se, em seu sono profundo Gepeto é visitado por uma fada azul, em que ao tocar no boneco com uma varinha mágica, dá vida ao brinquedo de madeira, no entanto, ele deveria ser sempre bom e verdadeiro. Não só isso, mas para o menino não ficar só, deu a ele um grilo como companhia.

Quando o dia amanheceu, Gepeto ao levantar-se teve uma grande surpresa, o boneco havia se tornado um menino de verdade. Desta forma de tanta felicidade, dá a ele o direito igual a de todas as outras crianças que ali se encontravam, de poder ir à escola. No caminho da escola, cai nas mãos de um artista chamado Strombóli, afirmando que ali Pinóquio seria uma estrela. O boneco aceitou, participou de uma peça de teatro e estrelou, mas Strombóli tinha outros planos para ele. O grilo falante logo percebeu que tudo ficaria mal, e avisou a fada madrinha, que enviou uma borboleta para ajudar a socorrer o pequeno menino. Assim, ao fazer perguntas a ele, ele não queria responder a verdade, e que cada vez que mentia algo nele ocorria, seu nariz crescia cada vez mais. Desta forma, a borboleta mágica disse as mesmas palavras da fada, de que deveria ser bom e verdadeiro e que voltasse a escola e a casa de seu pai, e assim ele fez. No decorrer do tempo ele se comportou bem, mas depois cometeu o mesmo equívoco.

No caminho da escola, o menino encontrou João Honesto e Gedeão que convenceram Pinóquio a conhecer uma ilha muito bonita chamada a ilha dos prazeres, e assim ele foi já que era apaixonado por aventuras. Seguiram a viagem em uma carroça puxada por burrinhos. Assim que chegou, o menino saiu correndo para conhecer a ilha, tudo era lindo e magnífico, no entanto, enquanto estava brincando percebeu que algo estava errado, suas orelhas começaram a crescer, e assim com muito medo Pinóquio chamou seu amigo grilo. O grilo tentava saber a verdade e a cada pergunta que fazia a ele seu nariz crescia.

Do mesmo modo que anteriormente ajudou seu amigo, desta forma tentou salvá-lo novamente, e correndo por uma porta secreta fugiram e pediram ajuda para a fada madrinha. Assim que Pinóquio, já tranquilizado, volta para a casa e procura incessantemente seu criador, mas não o encontra. Andou pela cidade em busca de Gepeto e nada de encontrá-lo, o menino resolve ir até uma praia e lá encontra uma garrafa e dentro havia uma carta. Na carta estava escrito que Gepeto procurava seu filho na beira do mar, quando foi engolido por uma baleia chamada Monstro.

Como Pepe, o grilo falante, era muito esperto, ensinou Pinóquio a construir uma jangada e assim entraram no mar a procura de Gepeto. Conversavam com todos os peixes que viam para saber se a baleia havia passado por ali, mas não obtinham resposta. Depois de certo tempo, já cansados avistam de longe uma baleia que vinha em seu encontro, com o intuito de escapar saltam na água, mas a baleia os engoliu. Lá encontram Gepeto, que tinha naufragado no decurso de uma grande tempestade, criador e criação se abraçam com imensa alegria. Pinóquio pede que seu pai o perdoe, e logo depois de conversarem Pepe chegou para dar novas ideias a eles, de que fazer uma fogueira talvez conseguissem sair dali. E assim fizeram, devido o calor e incomodo a baleia espirra fortemente, jogando os três para fora. Desde então Pinóquio se mostrou cada vez mais bondoso e dedicado, e em seu primeiro aniversário, a fada madrinha o transformou em um menino assim como os que se encontram fora das histórias infantis, ou seja, um menino de carne e osso, e assim Gepeto vibra de alegria.

Outro texto que nos traz o ato de criação é o conto intitulado “Las ruinas circulares”, um conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, publicado em 1940 na revista literária Sur. O conto relata a história de um mago de aparência um pouco acinzentada, cabelos grisalhos, que chega a um antigo templo. Ao encontrar-se no templo o homem possuía somente um objetivo, o de criar um ser humano através de seus sonhos e colocá-lo na realidade. Em um primeiro momento, ele sonha que está dentro de uma sala de aula com alguns estudantes, desta forma elege um aluno, e é maravilhado pela capacidade e habilidades do jovem. No entanto, o mago acorda e passa muitas noites sem dormir. Reconhece que sua tentativa foi um fracasso, mas ele não desiste e elabora um novo método de trabalho.

Comprendió que el empeño de modelar la materia incoherente y vertiginosa de que se componen los sueños es el más arduo que puede acometer un varón, aunque penetre todos los enigmas del orden superior y del inferior: mucho más arduo que tejer una cuerda de arena o que amonedar el viento sin cara. Comprendió que un fracaso inicial era inevitable. Juró olvidar la enorme alucinación que lo había desviado al principio y buscó otro método de trabajo. Antes de ejercerlo, dedicó un mes a la reposición de las fuerzas que había malgastado el delirio. Abandonó toda premeditación de soñar y casi acto continuo logró dormir un trecho razonable del día. Las raras veces que soñó durante ese período, no reparó en los sueños. Para reanudar la tarea, esperó que el disco de la luna fuera perfecto. Luego, en la tarde, se purificó en las aguas del río, adoró los dioses planetarios, pronunció las sílabas lícitas de un nombre poderoso y durmió. Casi inmediatamente, soñó con un corazón que latía. (BORGES, 2007, p. 27).

Depois de muito pensar, o homem dorme e sonha com um coração, dias, noites e anos se passam e o homem cria um jovem, como se fosse um filho, com muito cuidado ele vai criando aos poucos este ser, dando atenção a cada detalhe, até que chega ao fim de sua

criação. Porém havia um detalhe, ele não se materializava, não falava, somente sonhava. Desta forma, desesperado o homem roga ajuda ao Deus do fogo, para que dê vida a seu filho e que ele possa ter a consciência de um ser real. Deus o atende, e assim, o jovem se desperta como um homem de carne e osso que é enviado a outro templo. Somente o sonhador e o Deus do fogo sabiam que esta criação era um homem sonhado, não um homem real, verdadeiro. Os anos foram passando, e o mago sonhador escutava de outros homens que havia outro homem em outro templo que podia caminhar sobre o fogo sem nenhum dano. O homem sabia que este era seu filho, e se preocupava com a possibilidade de que ele pudesse descobrir sua verdadeira identidade, de que não era um ser humano real, e sim uma projeção de outro homem.

No templo do sonhador, chega de repente um fogo devastador. O mago aceita que sua hora de morrer já havia chegado e caminhou por entre o fogo. Porém passa pelo fogo sem se queimar, e nesse momento descobre e compreende que ele também era uma projeção, ou seja, ele descobre que ao criar um filho em sonho, ele também era uma criação de outro alguém que sonhava, ou seja, era uma projeção, um sonho de outro homem.

Desta forma, é possível observar que Borges em seu conto cria um personagem e o põe em cena como narrador, é através deste mago que se dá o ato da criação de outro ser. Este processo de criação descrito pelo mago é um procedimento muito lento, pois a sua criação ocorre por partes, a cada noite dá ele continuidade a sua obra, com o objetivo de que ao final este ser seja seu filho. O mesmo ocorre com Clarice, em que utiliza um narrador para que ocorra o ato de criação, Rodrigo S.M relata seu mais íntimo desejo de criação, criar Macabéa.

3 O ato de criação

A obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector foi publicada em 1977. O romance possui um homem como narrador da história, em um jogo de indecisões em relação ao ato de criação. Caminhando em uma Rua do Rio de Janeiro, Rodrigo S.M. pegou de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Desde então Rodrigo é provocado pelos mais profundos sentimentos que existem, ocorrendo dentro de si uma grande transformação, o encontro com o *outro* é o ponto que faz com que a história prossiga e ganhe vida passando a se desenvolver. Este encontro é a porta que se abre para uma vida, ou seja, para uma criação.

E para que essa criação se revele por completo, logo após a nota prévia, os títulos sugeridos e a dedicatória do autor, Rodrigo utiliza pistas e metáforas de criação, para tentar fazer com que o leitor descubra o que ele realmente deseja realizar. Rodrigo inicia já com

uma pequena metáfora que quer dizer tudo, ou seja, que refere ao que irá acontecer dali para frente. “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”. (LISPECTOR, 1999, p. 12). Esta “molécula” ainda será desenvolvida por ele nesta primeira parte, pois ainda está tentando entender o que está se passando com ele. É este “jogo” que faz com que o leitor se prenda na obra, já que nos dá metáforas de criação e não nos revela explicitamente o que pretende realizar. Ao mesmo tempo em que fala da moça, ele volta nesta indecisão. Outra metáfora que Rodrigo utiliza é o trecho a seguir: “Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração”. (LISPECTOR, 1999, p. 30). Desta forma, quando se refere a uma figura bíblica por ser tão antiga, podemos observar que a ideia que Rodrigo possuía em criá-la, já estava há muito tempo em seus pensamentos, e que Macabéa estava no fundo de seu consciente, e ele necessitava fazer com que ela florescesse saindo do subterrâneo. O encontro com o *outro* possibilitou que esta ideia saísse literalmente de seus pensamentos e se concretizasse através do ato da criação.

Ainda nesta primeira parte, tenta demonstrar sobre o que se trata, de que não é somente uma “invenção” é um ser que possui essência. Tenta buscar uma forma para descrever o que deseja criar, um material singelo, ignorante e opaco. Ele luta para dizer, mas sente medo.

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil mas a elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama. (LISPECTOR, 1999, p. 19).

É através desta afirmação que é possível observar como é difícil tentar demonstrar ao leitor algo que está dentro de nós e que precisa por uma força maior ser exibido a todos, algo que somente o autor-criador sente e imagina, algo que é invisível aos olhos daqueles que não possuem os mesmos sentimentos que Rodrigo possuía no momento em que desejava imensamente mostrar esta criação, pois ele possui extremamente necessidade de ter esta criação³.

³ No texto “O ato de criação”, transcrito de uma conferência realizada em 1987, Gilles Deleuze aborda questões da criação do ponto de vista filosófico, científico e artístico. Para Deleuze, o ato de criação se dá em todas as áreas do conhecimento, cada uma compondo suas formas, suas especificidades, suas linguagens. Segundo ele o ato de criar é uma atividade poética, que se inspira no que ainda não tem nome e nem está situado no mundo, é aquilo que ainda não é, mas que pode vir a ser, mesmo que por um lapso de tempo, que é necessário ter absoluta necessidade de ter a criação concreta, não pelo prazer e sim pela necessidade.

É isto que ocorre com Rodrigo quando tenta mostrar ao leitor algo que ainda não tem nome, que não existe na imaginação de outros seres e sim somente em sua mente e em seu ser. Para Agamben, no capítulo “O escriba, ou da criação” em sua obra *Bartleby, ou da contingência*, afirma que o processo de criação é a passagem da potência ao ato, ou seja, é colocar o pensamento no papel, em escrita, o escritor mergulha a pena na mente e põe no papel as suas ideias.

No entanto, para se pensar a criação, devemos observar o que leva o criador a criar, o que impulsiona ao ato de criação. Para Agamben, “[...] Aristóteles havia representado o intelecto em potência como uma tabuleta sobre a qual nada está escrito” (AGAMBEN, 2015, p. 16). Segundo Aristóteles a mente é a tábula rasa sem escrita, e o pensamento seria a escrita, o que faz ocorrer o ato de criação é a potência. A potência existe mesmo sem a prática, um exemplo seria o de um tocador de instrumento que sabe tocar, ele possui a potência mesmo não praticando o ato de tocar. Para Aristóteles, mesmo quando não se está fazendo nada se exerce uma potência para não se fazer nada.

[...] A criação divina é concebida como um ato de escritura no qual as letras representam, por assim dizer, o veículo material por meio do qual o verbo criador de Deus – assimilado a um escriba que move sua pena – incorpora-se às coisas criadas. (AGAMBEN, 2015 p. 15).

Por meio da escrita Rodrigo materializa Macabéa, por meio da escrita que antes era verbo, Rodrigo incorpora a vida de Macabéa. “De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu”. (LISPECTOR, 1999, p. 19).

O primeiro acidente é minha vontade de mover a pena; o segundo é a minha potência de mover-me; o terceiro, o próprio movimento da mão; o quarto, por fim, o movimento da pena. Assim, quando o homem quer algo e o faz, isso significa que primeiro foi criada para ele a vontade, depois a faculdade de agir, e por último, a própria ação. (AGAMBEN, 2015, p. 19).

Para Rodrigo o primeiro momento foi captar o sentimento de perdição no rosto de uma nordestina, desde então este encontro com o *outro* provoca em seu Genius, o impulso e a vontade de criá-la. Segundo Agamben o Genius é o impessoal que há em cada um de nós. O segundo momento é a sua potência ou capacidade de poder criá-la mergulhando a pena em sua mente, o terceiro foi rebaixar-se ao nível dela para colocar-se em condição de escrever, e o quarto por fim, se dá o ato da criação.

É o que Agamben propõe em seu texto *Genius* extraído da obra *Profanações*. O autor diz que cada um possui um Genius. “Genius é todo o impessoal que há em nós, a desconhecida potência que move o sangue em nosso corpo, contrai as fibras dos nossos músculos, regula e distribui tão suavemente as nossas fraquezas entre outros atributos”. (AGAMBEN, 2007, p. 15). Para Agamben, “*Genius*” era considerado para os latinos, o Deus a que todo homem é confiado, sob cuidado na hora da gênese, ou seja, em seu nascimento. A etimologia na língua italiana está na aproximação entre *genio* [gênio] e *generare* [gerar]. Este Deus considerado Genius dá impulso e existência em cada um, os acompanhando até a morte. Este Genius desperta os mais íntimos sentimentos, dando a potência impessoal que impele a escrever, ocorrendo o ato de criação. É quase que um ser estranho, mantendo-se constantemente vinculado à intimidade do ser. À Genius não se pode atribuir uma forma, uma individualidade, uma personalidade, ou um Eu, Genius aparece com a emoção em relação ao outro. Essa potência que impele à criação.

No limiar da zona de não conhecimento, Eu deve abdicar de suas propriedades, deve comover-se. E a paixão é a corda estendida entre nós e Genius, sobre a qual caminha a vida funâmbula. O que nos maravilha e espanta antes mesmo do mundo fora de nós, é a presença, dentro de nós, dessa parte para sempre imatura, infinitamente adolescente, que fica hesitante no início de qualquer identificação. E é essa criança elusiva, esse *puer* obstinado, que nos impele na direção dos outros, nos quais procuramos apenas a emoção, que em nós continuou incompreensível, esperando que, por milagre, no espelho do outro, esclareça-se e se elucide. Se a emoção suprema, a primeira política, é olhar o prazer, a paixão do outro, isso acontece porque buscamos no outro a relação com Genius que não conseguimos alcançar sozinhos, a nossa secreta delícia e a nossa nobre agonia. (AGAMBEN, 2007, p. 17).

O encontro com o *outro* o fez sentir angústia. Como diz João Cezar de Castro Rocha “Com o narrador de *A hora da estrela*, compartilhamos a angústia de inventar improváveis pontes que permitam compreender o “outro”.” (ROCHA, 2015 p. 40). A angústia é provocada pelo sentimento que ocorre do encontro com o *outro*, mexendo com o seu impessoal. Esta ponte permitiu com que Rodrigo tentasse de todas as formas, conhecer o *outro*, *outro* que sem perceber existe nele mesmo, ao encontrar o *outro* ele busca pontes para encontrar a si mesmo, para tentar entender o que ocorre em seu ser, ele busca uma saída para compreender o Genius que há nele e que provoca demasiadas sensações.

Como percebe-se Rodrigo S.M. era um homem aparentemente tranquilo em sua rotina de escritor, assim como G.H. era em sua rotina de escultora, porém estavam presos e condicionados a isso que ao ter o encontro com o *outro* levam um choque. [...] a ponto de fazê-lo sentir-se incomodado e ao mesmo tempo com vontade de conhecer o outro. Pode-se dizer que ele chegou ao neutro. Até sua forma de escrever muda. (RODRIGUES, 2013, p. 35).

A partir deste encontro com o *outro* Rodrigo passa a refletir sobre o que ocorre dentro de si, tenta entender esta força maior que deseja ser revelada a todos. Rodrigo baixa-se a um nível quase primitivo para igualar-se ao nível de um ser em processo de criação, e possui absoluta necessidade de ter essa criação: “Eu não inventei essa moça. Ela forçou dentro de mim sua existência.” (LISPECTOR, 1999, p. 29). Ao baixar-se ao nível da moça, Rodrigo nega a si mesmo e passa a viver o *outro*.

Rodrigo impulsionado pelo encontro com o *outro*, sente algo em seu ser, uma ideia que lhe vem à mente, que precisa ser exteriorizada, uma força maior que força esta existência em seu ser e em sua mente. Utilizando a palavra para expressar-se, tenta de todas as formas revelar qual o seu desejo, utiliza metáforas vinculadas a criação para dar início a sua obra.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou-nos ler a obra *A hora da estrela* observando às metáforas de criação utilizadas pelo autor Rodrigo. Partindo das leituras vinculadas à historicidade da imagem da criação, observamos que o motivo que impulsiona o autor a criar algo, é o encontro com o *outro*, independente de qual for este *outro*, é ele que impulsiona o autor a criar, é ele que mexe com o *Genius* que há em cada um.

Foi o que ocorreu com o narrador ao olhar nos olhos de perdição de uma nordestina em Rua do Rio de Janeiro, ele passa a sentir diferentes sensações. A nordestina que é o *outro* mexe drasticamente com o *Genius* que há em seu ser. Criando-a primeiro em sua mente, mesmo jogando nesta indecisão de criá-la ou não, ele baixa-se a outro nível, para então colocar-se em condição de escrever, realizando assim a passagem da potência ao ato, colocando sua ideia no papel, mergulhando a pena em sua mente e expondo através das palavras sua magnífica ideia de criação, dando-se o início da história de criação.

É possível observar através das leituras realizadas, que Rodrigo foi impulsionado a criar através do encontro com o *outro*, é este *outro* que lhe causou tamanha desestruturação interior. Devido ao referencial teórico que utilizamos em nossa pesquisa é que foi possível chegar a esta percepção do ato de criação em *A hora da estrela*, de que Rodrigo como autor é o criador de sua obra, e em meio a indecisões vinculadas a criação, ele opta por realizar o ato de criar devido à força que este encontro com o *outro* provocou em seu impessoal, mexendo com seu *Genius*. Após o ato, Rodrigo dá à moça características e traços únicos, faz com que ela possua os sentimentos mais profundos que alguém possa ter, dá a ela uma família, proporciona à sua criação o direito de ser datilografa, de ter colegas de quarto e sentir um dos

sentimentos mais nobres, o amor. Faz com que ela viva intensamente o curto tempo que é dado à personagem, e ao mesmo tempo em que a cria, a retira de cena fazendo-a estrelar. É no momento da morte que Macabéa tem o seu momento de “estrela”, é neste cenário de sofrimento que ela ganha visibilidade aos olhos dos presentes que assistiam a cena, como se ela ganhasse a fama de uma estrela de cinema na hora de sua morte. “[...] Macabéa só foi estrela na hora da morte”. (RODRIGUES, 2013, p. 36). Sendo Rodrigo dono de sua criação, dando-lhe a vida, também lhe dá a morte.

O que a pesquisa nos mostra é extremamente importante, e ao mesmo tempo profundo, pois cada um de nós somos autores e criadores, somos filhos de nossas obras, não importa quando, onde e com quem se dá o encontro com o *outro*, mas ele sempre ocorre em alguma passagem de nossa vida, e quando este encontro acontece, nos faz criar diferentes obras de arte, seja ela em forma de poema, conto, pintura ou qualquer outro tipo de arte, mas geralmente não nos damos conta de onde vem essa inspiração.

Através desta pesquisa, conseguimos observar que quando criamos somos impulsionados através do encontro com o *outro*, este encontro mexe com o *Genius*, ou seja, com o nosso impessoal, nos fazendo mergulhar a pena em nossa mente. Desta forma, utilizamos de recursos, seja ele a escrita, ou qualquer outro, para que o ato da criação se realize. Observamos também que Clarice nos apresenta em seu conto “Amor” e na obra *Perto do coração selvagem* através das transformações que seus personagens passaram ao encontrar o *outro*, que podemos também despertar o *outro* que está em nós, com algo que nos provoque e que nos deixe chocados, que mexa profundamente com nossos pensamentos e atitudes, como um cego mascarando chicletes, ou a imagem refletida no espelho. Não importa quem seja este *outro*, ele mexerá com nossos sentidos, uns com mais intensidade, outros com menos, nos causando uma grande transformação, encontrar o *outro* sempre se revelará grandes surpresas. E ao nos trazer personagens como Ana e o cego no bonde, Joana e seu reflexo no espelho, Rodrigo e sua criação Macabéa, possibilita que nós leitores vejamos além do que possamos ver, permite através destes personagens compreender o *outro*, compreender a nós mesmos, faz com que produzamos sentidos, sentimentos e ações. Estes encontros são o que nos mantêm em estado de mudança constante.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento: com referências. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida: revista e corrigida. Várzea Paulista – SP: Casa Publicadora Paulista, 2012. 1600 p.

AGAMBEN, Giorgio. O escriba ou da criação. In: _____. **Bartebly, ou da contingência**: Herman Melville Bartebly, o escrevente/ uma história de Wall Street Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p 11- 35.

AGAMBEN, Giorgio. Genius. In: _____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. p 13 -20.

AGAMBEN, Giorgio. Autor como gesto. In: _____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. p 49 -57.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. O rumo da língua. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio**: História de uma marionete. São Paulo: Martin Claret, 2005. 168 p. 2007.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. O engenhoso fidalgo D. **Quixote de La Mancha**. Primeiro livro. São Paulo: 34. 2002.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Tradução: José Marcos Macedo. In. Folha de São Paulo, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco Ltda., 1999. 87 p.

ROCHA CASTRO; João Cezar de. Por uma esquizofrenia produtiva. In: _____. Por uma esquizofrenia produtiva: da prática à teoria. Chapecó: Argos, 2015. Organização de Valdir Prigol.

RODRIGUES, Naiane Rafagnim. **O desconforto da alteridade em a paixão segundo g.h., de Clarice Lispector**. 2013. 45 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2013. CD-ROM.

RESUMEN: El presente trabajo discute el acto de creación en A hora da estrela de Clarice Lispector (1997). Nuestro objetivo principal es analizar la idea del acto de creación en A hora da estrela, igualmente evaluar el deslizamiento y apariciones de la imagen de creación del personaje Macabéa. Luego, buscamos leer algunas obras vinculadas a historicidad de la metáfora de creación, como la Bíblia Sagrada, utilizando uno delos libros del Pentateuco el *Gênesis*; As aventuras de Pinóquio – *história de uma marionete* y “Las ruinas circulares” de Jorge Luís Borges, mostrando que hay en cada una de ellas el procedimiento del acto de creación. Del mismo modo, realizamos una densa lectura utilizando como referencial teórico algunos autores que abordan en sus textos el acto de creación, como Gilles Deleuze e Giorgio Agamben. A lo largo de estas lecturas buscamos aproximar los textos teóricos a la obra

principal, y otros textos de la autora como *Perto do coração selvagem* y el cuento “Amor”, para percibir como el acto de creación aparece. Consecuentemente, relacionamos el acto de crear vinculado a un impulso que ocurre debido el encuentro con el *otro* utilizando como referencial teórico *Por uma esquizofrenia produtiva* de João Cezar de Castro Rocha y Naiane Rafagnin Rodrigues *O desconforto da alteridade em a paixão segundo g.h. de Clarice Lispector..*

PALABRAS CLAVE: Autor. Creación. Clarice.